



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 28 de Julho de 1979 * Ano XXXVI — N.º 923 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Sacerdote para sempre

É um dia como os outros aquele em que um homem nasce. Nada de externamente notável o assinala, mesmo que o nascimento ocorra na maturidade. Só a surpresa do próprio.

Naquele tempo Nicodemos ficou perplexo perante a necessidade de renascer que o Mestre lhe afirmava: — «Como é possível voltar de novo ao seio de sua mãe?» A interrogação foi respondida: «O que nasceu da carne é carne e o que nasceu do Espírito é espírito. Não te admires... O vento sopra onde quer. Assim é todo aquele que nasceu do Espírito.»

«Não te admires...» Porém, o homem em quem o Espírito soprou, permanece admirado para sempre.

Foi assim, um dia como os outros, o 28 de Julho de 1929. Américo Monteiro de Aguiar era um homem bem logrado, mas não satisfeito. A vida correspondera-lhe e prometia melhor. Mas nada que sofresse comparação com as promessas adivinhadas no encontro com o Senhor no Verão de 1923. Não é fácil o sim ao chamamento de Jesus, inesperado e seco.

- «Vem e segue-Me.» «Deixa o que tens e és.» «Toma a cruz. Segue-Me.»
- Mas para onde, Senhor? Onde é que moras?
- Vem... e vê.

Não é fácil... É preciso ir; e só com o ir se irá vendo... Por isso mais forte é a intuição da Fé em Quem chama, o adivinhar das promessas tais e tantas que só Ele pode cumprir. É esta a força que torna a insatisfação do homem perante o que o mundo deu e tem para dar e faz dizer o sim. Só a Graça tem poder fecundante.

E a gestação dolorosa começou. Demorou cinco anos. O 28 de Julho de 1929 alvoreceu como um dia natal: sacerdote para sempre. Um dia como os outros para toda a gente, menos para ele que fixou definitivamente a sua admiração ao firmar a primeira vez o seu novo nome: «Padre Américo!»

Para toda a gente é necessário que os anos passem, que proporcionem perspectiva histórica ao acontecimento, para que a data assuma a sua importância e seja possível tomar consciência dela. Cinquenta anos depois, já podemos perguntar-nos quem seria hoje na memória dos homens e na trama da História, esse homem bom e generoso, amante dos mais fracos e sofredores, que sempre foi o Américo de Aguiar, se quase aos 42 anos de vida na carne não tivesse nascido pelo sopro do Espírito o Padre Américo.

Porque o sacerdote é um dom de Deus aos homens; porque os Outros foram, em Cristo e por Cristo, a grande paixão de Pai Américo — é que ele próprio entendia e afirmava que a sua vida começara nesse dia em que das mãos do seu Bispo recebeu o Sacramento da Ordem. O resto tinha-o como desperdício — que o não foi, porque tempo de preparação, de «vida escondida» à semelhança do Mestre que só aos 30 anos apareceu na Sua missão messiânica! E dos 27 anos que lhe sobram para viver entre os homens — quem se atreverá a dizer que não foram suficientes para marcar, como raros, a sua passagem pelo mundo a fazer o bem?! A fazê-lo e a fazer fazê-lo, que é um bem muito maior!

Por isso neste 28 de Julho de 1979, temos razões para proclamar que o mesmo dia de há 50 anos não foi um dia como os outros. Da Igreja de Cristo, na diocese de Coimbra, para bem de todo o Portugal, brilhou uma luz que se consumiu alumando. Sacerdote para sempre, dom de Deus que o Povo recebeu e entende e guarda no seu coração.

Padre Carlos



AQUI, LISBOA!

«Nós somos todos feitos de amor, para amar. Cada um de nós é um milagre de amor, do amor infinito de Deus, e uma vez dentro da vida, temos de a realizar... amando.»
(Pai Américo)

Já lá vão 23 anos. Ao fim da tarde de um dia, em plena época escolar, Pai Américo veio à Sociedade de Geografia encerrar uma campanha promovida pela então vigorosa Juventude Universitária Católica, no sentido de debater o problema habitacional e de angariar fundos para a construção de casas para os Pobres. Muito antes da hora marcada, a ampla sala encontrava-se apinhada de gente. Recordamos o facto como se fosse passado ontem. A certa altura, o então Assistente daquele Organismo da Acção Católica, hoje Bispo da Igreja, referiu o propósito da reunião e as condições

postas por Pai Américo para ali comparecer: «Não haver mesa», «não haver discursos» ou «apresentações». Logo, sem mais, surge Pai Américo ante o micro, embrulhado na sua capa, e começa a falar. Muito à sua maneira, concreta e incisivamente, conta a história verídica da criança que, sem eira nem beira, gostava de arroz doce. Termina rapidamente dizendo: «elas também gostam de arroz doce, elas também gostam de arroz doce!» «Ali fora estão as capas».

Citamos de memória. Pai Américo falou, quando muito, cinco minutos. O impacto causado foi simultânea-

mente sumarento e frustrante. Sumarento pelo conteúdo da doutrina e pela sua profundidade; frustrante, pela brevidade, para quem se propunha ouvi-lo o tempo que fosse preciso e beber avidamente o muito que teria para lhe dizer. As pessoas acotovelavam-se e, à porta, ouviam-se palavras de desânimo de não poucos, que haviam vindo de longe e nada tinham escutado, por terem chegado depois de tão célere sessão ou por não terem podido penetrar na sala.

A adjetivação pouco importa. A

Cont. na 2.ª pág.

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

impressão indelével recebida então, mantém-se, no entanto, como tal, no nosso ser. A linguagem curta, à maneira do Evangelho, foi mais uma chicotada do Espírito em quem procurava Caminhos de realização e estava longe, ainda, de os encontrar. Meses depois, e bem poucos, a 16 de Julho acrescentaria, sem dúvida, mais umas marteladas determinantes no nosso futuro.

Feita esta simples evocação, deixem-nos os Leitores destacar da rica e multifacetada personalidade de Pai Américo dois dos aspectos mais vitais e marcantes, a nosso ver. Primeiro: Pai Américo, apesar da sua condição de pecador, foi um autêntico Homem. O seu sentido de Justiça, a sua preocupação com os Outros, sobretudo os mais fracos e desprotegidos; a sua humildade, tantas vezes manifestada na fuga às honrarias do mundo; e a sua verticalidade e o seu amor à Verdade, são exemplos para meditar e seguir. Ao vermos por aí tantos pigmeus, «armados em carapaus de corrida», como dizem os nossos Rapazes, faz-nos bem perscrutar Pai Américo e beber da sua riqueza humana. Em segundo lugar, e isto é assaz importante para nós, Pai Américo foi

um Sacerdote com S maiúsculo. A ele se podem aplicar, com propriedade, as palavras de João Paulo II, na última Quinta-Feira Santa, dirigidas aos sacerdotes de todo o mundo e ao referir as características do sacerdote consciente do seu sacerdócio: «O sacerdote que crê profundamente, que professa com coragem a própria fé, que reza com fervor, que ensina com profunda convicção, que serve, que realiza na própria vida o programa das Bem-aventuranças, que sabe amar desinteressadamente, que está ao lado de todos e, em particular, dos mais necessitados». E acrescenta-se a tudo isto a sua visão correcta da Igreja, plenamente actual, que para lá da sua acção es-

pecifica e dos seus carismas próprios, o levou sempre a evangelizar em comunhão com a Igreja e os seus Pastores (Ev. Nuntiandi, Paulo VI).

Terminamos, pedindo ao Senhor que nos ajude a seguir as veredas trilhadas por Pai Américo, custe o que custar e haja o que houver. Só assim a Obra continuará a sê-lo e poderá realizar os seus fins. E, dum coisa podem estar certos os nossos estimados Amigos, mesmo os que não partilham da mesma Fé, que a Obra será tanto mais Ela e de todos quanto mais homens e sacerdotes forem os que a servem na primeira linha de combate.

Padre Luiz

TRIBUNA DE COIMBRA

Ainda andamos embalados e um pouco sonhadores com os encontros - comunhão das nossas Festas. Embora um pouco cansados de tantas noites e tantas correrias, ficamos marcados com saudades de tantas pessoas e tantas coisas. Que bom sentirmo-nos a viver entre irmãos!

Os vendedores de O GAIATO chegam encantados com o que as pessoas lhes dizem. São mensagens trocadas. Eles levam mensagem e trazem mensagens. «Todas as pessoas gostaram muito das nossas Festas.» «Os Amigos dizem que as nossas Festas são cada vez mais bonitas.» «Todos dizem que é pena que as nossas Festas sejam só uma vez por ano.» E muitas outras coisas lindas que eles ouvem e nos trazem.

Nós acreditamos e também assim sentimos. Todos nós sentimos a necessidade de comunhão com os outros. Comunhão-partilha. Partilha de amor. Quanto mais se dá mais se recebe. Quanto mais se ama mais vontade há para amar. Apaixonados por um amor sublime. Amor que não cansa.

Esperamos que as nossas Festas tenham sido um bom contributo neste ano em que tanto se tem falado (e alguns especulado!) dos Direitos da Criança. Fizemos Festas sem despesas supérfluas, sem comensais, sem passeatas, sem discursos. Procurámos testemunhar com quadros vivos aquilo a que todas as crianças têm direito. Estamos certos que esta nossa mensagem foi acolhida e bem acolhida e dará fruto. Que no coração de cada um terá ficado bem gravado o grito do hino final — VIVA A CRIANÇA!

Padre Baptista

Padre Horácio

PASSADOS 50 ANOS

O nosso tempo vive sob os signos vários — do medo, da segurança, do cálculo. Todos, no geral, avançam com as maiores cautelas, desejando conhecer o terreno que pisam, o presente que vivem e o futuro que hão-de viver.

Ora no Evangelho não há lugar para o medo, nem para a segurança, nem para os cálculos humanos. Pede-se, sim, a generosidade total para a aventura, para a ousadia. Os que se metem nestes caminhos são considerados insensatos, loucos, idealistas.

Pai Américo foi dos que entrou neste carreiro apertado do tudo ou nada. Passados 50

anos sobre a sua doação sacerdotal, hoje pode ser provado que é esta insensatez que é sensata, que é esta loucura a verdadeira sabedoria, que é este o idealismo que vale a pena sonhar e viver. A sua Obra está aí a confirmá-lo.

O Evangelho é e será sempre radical. Cristo não quer homens a meias, feitos consigo e com Ele, com o mundo e com Deus. São os violentos que arrebatarem o Reino. Eu diria: são os violentos — segundo o Evangelho — que têm os trunfos para ganhar todas as partidas.



Margaret Rainha, filha do Júlio da Silva.



É o filho do Leandro, que estuda Medicina.

Netos da Obra da Rua



Filho do Camilo («Poveiro»), na África do Sul.

Setúbal

● O primeiro de Julho é o aniversário da nossa Casa. Fizemos vinte e quatro anos. O que se fez durante este tempo! O que falta fazer! O aniversário coincide com a Festa do Precioso Sangue de Cristo. Pai Américo era Homem de Deus.

Nós procuramos segui-lo na mesma Fé e na mesma Esperança. A criança da rua é a nossa razão de ser. Que o testemunhem muitos dos nossos que já saíram. Alguns casais estiveram connosco e quanta vontade de exteriorizarem o que a Casa do Gaiato foi p'ra eles durante o tempo que estiveram debaixo das nossas telhas. Eles, integrados na sociedade, que antes os rejeitara, vêm agora até nós dar-nos a alegria e o convívio. De conquistados que foram são agora conquistadores.

Por tudo isto nos juntámos para agradecermos ao Senhor.

● Carlos é o chefe da vacaria. Ontem o seu espírito estava em festa, e a todos mostrava a sua alegria: — «...Uma vaca teve dois filhos».

O que eles têm aprendido das coisas naturais! Este Carlos está na idade de perscrutar.

Pois que as coisas da Natureza lhe puxem a curiosidade e o elucidem.

● Mais uma placa. Acabámos mesmo há bocadinho de lavar os baldes com que eles carregaram o betão. Só queria que os vissem no seu esforço. Não são «coitadinhos».

O albergue que habitávamos vai desaparecendo. As enormes camaratas vão dar lugar a pequenos quartos. Transformar o que era frio e desconfortável, não se faz com facilidade. Enquanto o mundo da Imprensa anuncia greves e descontentamento, os nossos vão sendo obreiros numa Casa p'ra eles. Quanta tijoleira, quantas vigas, quanto cimento e quanta pedra e areia a nossa O. M. carregou! E que dizer do ferro? E as bocas continuam a comer. E com apetite.

Também estes dirão um dia aquilo que os construtores das oficinas e do Lar dizem e recordam quando nos visitam: «Eu ajudei a fazer isto». E cada um há-de recordar, à sua maneira, o porquê do seu esforço e então saberá apreciar a escola do trabalho.

Ernesto Pinto

O Caminho da Luz

Pai Américo foi baptizado dia 4 de Novembro de 1887, na igreja paroquial do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel. Nasceu na dita freguesia pela uma hora da noite do dia 23 de Outubro de 1887.

□ No regaço afectuoso da Mãe

Passou a infância no regaço afectuoso da Mãe, que por ser o último filho dum bando de 8 e ser dotado dum espírito teno e caseiro, lhe dedicou sempre carinho especial. Ele não sabia viver sem a Mãe, nem a Mãe sem ele. Completavam a alegria um do outro.

Aprendeu a doutrina cristã rapidamente, ensinada pela Rosa do Bento, e fez a primeira comunhão na terra natal.

Os irmãos chamavam-lhe o «beato».

Quando atingiu a idade escolar, foi aprender as primeiras letras e instrução primária.

Em Setembro de 1897, com o irmão António, seguiram para o Colégio do Carmo, em Penafiel, como externos. E em Outubro de 1899 foram os dois para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras.

O Américo manifestou-se bom estudante, melhor do que o António. Pedia à Mãe para ser padre e esta escutava-o com vivo entusiasmo. Mas o Pai não concordava: «O quê?! Não tem feito para padre. Cantar, dançar, viola, pândega... Comércio, comércio. Não tem vocação para padre».

□ A opinião do Pai

Em Agosto de 1902, o Pai dizia: «Eis o que penso acerca do Américo: Não o acho com feito para padre. Outra carreira pelas letras, é tarde para a seguir. (...) O rapaz tem energias e faculdades de trabalho, aptidões variadas e, no comércio, se tiver juízo, aos 28 anos de idade pode ter, quando menos, meia subsistência ganha honradamente, sem sacrifício da bolsa dos irmãos.»

O Américo quis fazer exame no Seminário, mas o Pai não deixou. Fez exame no Liceu, para o comércio.

□ Trabalhador-estudante no Porto

Em Outubro de 1902 já estava colocado no Porto, numa loja de ferragens, Rua de Mouzinho da Silveira, 110-112. Era gente boa e piedosa; não se perdiam as devoções da Igreja! Ajudava às Missas e confessava-se muitas vezes, na Igreja do Seminário, à Sé. Vivia num ambiente de piedade que lhe aguçava o desejo de ser padre. Em Setembro de 1905 matriculou-se no Instituto Comercial e Industrial do Porto, sem deixar o serviço da casa onde trabalhava.

□ Africanista

Em Novembro de 1906 foi para África, para ser colocado

no comércio pelo irmão Jaime.

Embarcou em Lisboa no dia 19 de Novembro de 1906, e a 24 de Dezembro, do mesmo ano, chegou ao Chinde, às 3 h. da tarde. Em Julho de 1907 estava colocado na British Central Africa C., Ld., do Chinde, que serviu bastantes anos. Gostava muito da sociedade com os ingleses e da terra, por ser saudável.

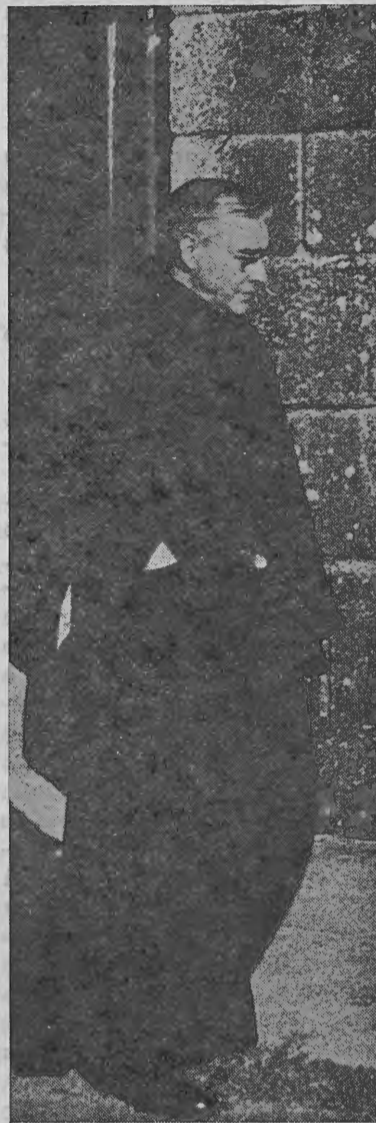
Em 1923 estava de regresso e em Outubro desse ano por particulares disposições de espírito, suscitadas por conversas e correspondência aturada com o Prelado de Moçambique, D. Rafael da Assunção, resolveu abandonar a vida que levava e entrou no noviciado, no convento franciscano de Santo António de Vilarinho, Tuy.

«O local das nossas conversas, depois da ceia — afirma D. Rafael — era a varanda da minha residência. Na intimidade destes colóquios penetrei na alma do Américo e conheci os seus anseios. Tinha-se esquecido da prática dos deveres religiosos sem ser descrente; era vítima do ambiente em que vivia. Não ia à igreja, nem a buscava. No seu espírito amontoavam-se as dúvidas e procurava-me para que lhas resolvesse. Contava-me o sumário da sua vida para desabafar. Se havia sido folgazão, nunca fora estúrdio».

A influência de D. Rafael foi importante na radical mudança de vida do Américo: «Abriu-me o Caminho da Luz na cidade de Lourenço Marques».

□ Noviciado em Espanha

Esteve como postulante 9 meses. Depois tomou o hábito e foi noviço durante um ano. Tinham passado 21 meses, após a entrada no convento,



quando, em reunião de Capítulo, a votação lhe foi desfavorável. Chamado pelo Guardião, este pediu-lhe para desis-

tir, alegando que «não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista».

□ Insiste pela vida eclesialística

Em Julho 1925 chegou a casa desfalecido, desorientado com tal decisão imposta pelo Guardião. Insistindo pela vida eclesialística, pediu-se ao Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, a admissão do Américo no Seminário diocesano. «É veleidade. Não o admito. Tenho tido desgostos e desgostos em casos semelhantes. Poupe-me esse desgosto.» Falou-se ao Senhor Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva. «Que venha. Vamos a ver o que sai.»

Saiu o que saiu. Mais tarde, falando o Bispo do Porto sobre o Américo, disse «que estava arrependido por não o ter admitido, que tinha magníficas informações pelo colega de Coimbra, que este o considera como bênção para a sua diocese». E, como desabafo íntimo: «Ou cá ou lá serve a Igreja, enfim presta serviços a Deus».

□ Ordenação Sacerdotal

Em vésperas da ordenação sacerdotal, por carta remetida de Coimbra (Junho/1929) Pai Américo dispõe a essência e os acidentes da sua primeira Missa na terra natal. É um ordenamento de simplicidade e interioridade, chamando o irmão a realizar a grande descoberta que ele havia feito — Deus — e que tão profundamente desejava comunicar: «Haveis de ser meus».

«Nos fins do próximo mês de Julho, em dia que oportunamente direi, conto, passando por aí, celebrar uma Missa à beira dos nossos Mortos na

Cont. na 4.ª pág.

Livro «O CALVÁRIO»

● «Factores vários determinaram a minha demora em dizer que recebi «O CALVÁRIO» e contribuir para as despesas que a publicação implicou.

Dele direi apenas que me fez vibrar de diversos modos: aflição, indignação, repulsa, atractivo, sei lá que mais! Outros saberão dizer melhor do que eu. Por exemplo, já li alguns que tal livro bem merecia, para edificação da nossa gente, ser posto em filme que todos vissem. Mas eu até receio que muitos fugissem... De quê? Até talvez de si próprios.»

● «Continuem a publicar livros como «O CALVÁRIO», pois são verdadeiros gritos d'alma que todos precisamos de ouvir para nos tornarmos melhores e mais úteis ao nosso semelhante.»

● «Agradeço muito «O CALVÁRIO». Recebi-o numa fa-

se particularmente difícil da minha vida e ao lê-lo, e depurar com os casos chocantes que traz até nós, tive que reconhecer que os meus problemas são insignificantes, comparados com tantas desgraças e injustiças sociais que vão pelo nosso País fora.

Quantos Calvários seriam necessários para amenizar o abandono gritante em que se encontram tantos dos nossos Irmãos?!

● «O CALVÁRIO» chegou às minhas mãos na hora exacta, pois tendo perdido meu único filho, com 15 anos, sinto-me muitas vezes infeliz. Não é que não acredite em Deus, e sei que o meu querido menino agora é mais feliz do que nunca, mas com todo o egoísmo humano sinto-me muito só, depois de ter perdido a única pessoa que me compreendia.

Assim o livro veio alertar-me para os que sofrem mais

do que eu e que são mais infelizes que o meu filho.»

● «Obrigado por me terem enviado «O CALVÁRIO». Nós, os que nos descuidamos dos nossos deveres de cristãos, precisamos de vez em quando de uma «chicotada» para despertarmos da cómoda posição do «deixa andar». O Calvário é um excitante por excelência para as almas adormecidas.»

● «Foi com muita emoção que recebi «O CALVÁRIO». Quando pego nele, quase que tenho os cuidados que se têm com coisa muito frágil e muito preciosa, quase tenho medo de o magoar — todo ele a transpirar sofrimento. Mas, ao mesmo tempo, que carinho e amor ele nos inspira! O Calvário tem um lugar especial no meu coração. Bem hajam por este livro que está a fazer muito bem por aí fora.»

RETALHOS DE VIDA

O Elói



Sou natural de Alenquer, onde nasci a 16 de Junho de 1961.

Minha mãe tem doze filhos, dos quais conheço quatro. Meu pai não se dava bem com minha mãe. Foi devido a esse problema, e outros, que eu fui posto num colégio, o qual, não sei porquê, fechou.

Foi mais ou menos nessa altura que o sr. Vigário de Setúbal pediu ao sr. Padre Acílio para me trazer para a Casa do Gaiato e mais cinco.

Já estou na Casa do Gaiato há seis anos. Aqui frequentei a Instrução Primária da 3.ª à 6.ª classe.

Comecei por fazer limpezas domésticas e depois fui sapateiro, vaqueiro e, agora, sou cozinheiro no Lar do Gaiato de Setúbal, onde me encontro há dois anos. Espero tirar o curso de cozinheiro, no próximo ano.

Aqui vai um grande abraço do

José António Elói de Oliveira

O Caminho da Luz

Cont. da 3.ª pág.

presença dos vivos — e é meu desejo distribuir a todos os Irmãos, na ocasião, parte da minha Hóstia! Hei-de escrever-lhes a seu tempo, mas, no teu caso, acho mais acertado fazê-lo com esta antecedência, a fim de que tu te prepares convenientemente numa ou mais palestras com um sacerdote inteligente e virtuoso, acerca do caso. Eu desejo que este acto de comungares comigo à minha primeira Missa (af) seja, da tua parte, um acto livre, inteligente e consciente e sobretudo que seja uma verdadeira transformação na tua vida. Esta é a razão pela qual te proporciono a dilatada antecedência...»

Sublinha depois, noutra missiva:

«(...) Se vires por aí ânimos exaltados, o nosso abade é extremamente meridional, bota água na fervura, muita água. É em silêncio que correm as águas fundas que fertilizam as terras. Não quero festa de foguetes; não quero que ninguém olhe para o ar, mas sim que todos, todos, olhem para dentro.»

Padre da Rua

Foi ordenado presbítero em Coimbra, pelo Prelado diocesano, no dia 28 de Julho de 1929 — há 50 anos. Orientou a Sopa dos Pobres. Dedicou-se a eles. De 1932 a 1939 organizou Colónias de Campo. Em 1940

PRESENÇA DOS NOVOS

Falar de Pai Américo — que não conheci pessoalmente — não é nada fácil, pois foi um homem extraordinário para os Pobres.

Acredito que, sem ele, nós, «Lixo da Rua», não estaríamos nesta Obra onde nos formamos nas mais variadas artes e ofícios.

Passou no dia 16 de Julho mais um aniversário de Pai Américo bem dentro de nós, que o lembramos ainda mais nestes dias em que festejamos sua morte e as «Bodas d'Ouro» da sua Ordenação Sacerdotal, que hoje ocorrem.

Nós comemoramos sempre as datas importantes de Pai Américo de uma maneira diferente.

Agora, como passa o cinquentenário da sua Ordenação Sacerdotal, celebramos, num só, ambos os dias com alegria, já que Pai Américo não morreu, mas passou desta para outra Vida, mais alegre e fecunda.

Sabemos de antemão que muitos dos nossos Leitores se associam a nós d'alma e coração. Oxalá Pai Américo continue sempre a ajudar-nos, a amparar esta Obra que é sua e que tantos Homens tem moldado para a vida.

«Marcelino»

funda a primeira Casa do Gaia-to, em Miranda do Corvo; um ano depois o Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios; em 1944 o jornal O GAIA TO; 1951 o Património dos Pobres; e a última inspiração foi o Calvário, que funciona em Beire (Paredes) desde 16 de Julho de 1957, um ano após a sua morte.

Não é possível indicar o momento exacto em que Pai Américo se sentiu perseguido pela Graça. Costumava referir-se a esta questão, dizendo apenas: «Foi uma «martelada»...!»

A propósito escreveu: «A minha estrela andou incobera anos e anos; porém, um dia o vento soprou; dissiparam-se as nuvens e a minha estrela brilhou como a dos reis Magos.»

«De como eu subi ao Altar»...

Na viagem a África, em 1952, ia disposto a escrever a sua autobiografia.

«Final de contas — disse — parece-me que não sai o livro «De como eu subi ao Altar». Vamos a mais de meio caminho de viagem e eu não tenho feito nada. De Lisboa até ao ponto aonde esta escrevo, o mar tem sido tranquilo. Dentro de mim também há paz... De maneira que não é falta de tempo, nem de papel, nem de disposição nem nada. É o «eu». Sinto dificuldade. Encaixo. Emperro. Isto não vai p'rá frente. Já me lembrei de pôr um «ele», baseado naquela frequente dúvida do povo que me vê passar: «É ele? Será ele?» Ora parece-me que com este «ele», eu poderei fazer o livro.»

Durante a viagem tornou a referir-se ao desejado livro e à «martelada»:

«Estávamos na estação de Lourenço Marques. Fazia trinta anos que ali mesmo, em vez de deixar, tomava um comboio para o Cabo da Boa Esperança. Era então um fugitivo. Verdaderamente não sabia o que queria, tão pouco para onde caminhava! Ninguém estava à minha partida e mais a cidade já naquele tempo era grande e cheia. Tudo era indecisão. Tinha perdido os sentidos. E contudo era eu. Eu pensava. Vivía. Começou então a luta. O homem e a Graça. Esta havia de vencer, sim, mas até aí, quanta dor, meu Deus! Só agora dou fé de que a caneta me ia fugindo para o anunciado livro «De como eu subi ao Altar». Mas não.»

E não mesmo!

Sinceridade

Em sua vida cheia, luminosa, como Padre da Rua, houve momentos que sobrelevam a sua qualidade de Sacerdote. São tantos que nos basta respirar um:

«(...) A carta de hoje é apaixonada. Tenho recebido outras, seguramente da mesma pessoa, porque da mesma paixão.

São cartas tendenciosas, perturbadoras. Eu, que tanto preciso de sossego, não fazia conta nem estou preparado para

esta sorte de mensagens. Tão pouco para esta sorte de mensageiros.

Aqui há tempos apareceu-me um, cara-a-cara, bem vestido e bem falante. Assim como nas cartas, também ele começa pelo elogio à minha pessoa: levanta, encarece, proclama. Oh perigo! Assim começou este mensageiro. A seguir, descreve o panorama social do mundo: os males, os remédios. Finalmente, voz um nadinha exaltada, aponta o meu cabeção e irrompe: «Tire isso daí p'ra fora; você não é padre. Você é um dos nossos.»

Não lhe perguntei, nem ele me disse quem era; por isso mesmo, não sei o que seria se fosse um dos dele.

A carta a que me reporto tem tiradas semelhantes:

«Sei que você não pode libertar-se da tutela do seu clã, que lhe falta a coragem dos mártires. Quem o impede de ser sincero consigo próprio, de romper de vez com o erro, com as superstições em que não crê, com a adulteração dos princípios cristãos?»

Toda a carta é um vulcão. O seu autor põe-me nas alturas. Acha bem tudo quanto eu faço, menos o cabeção:

«Disponha-se a sofrer mais, a perder o beneplácito dos mandões, a ser excomungado, escarnecido, vaiado, apupado como Cristo foi na Cruz.»

Vê-se um Irmão da Igreja Reformada a falar. Aflige-se. Tem pena de eu ser um padre da Igreja Católica — Aquela que sempre foi! Cuido que se trata de um protestante sin-

ceros. Deus o ajude. Somente gostaria que a mim, padre católico, fosse atribuída a mesma sinceridade: «Quem o impede de ser sincero consigo próprio?»

Ora eu levanto aqui a minha voz e pergunto ao mundo inteiro se jamais algum mortal é capaz de comover almas pelo que faz e diz, sem a sinceridade consigo próprio. Mais. Porque é que este Irmão da Igreja Reformada escreve cartas assim? De onde a sua comoção? Sinceridade. Por amor da minha sinceridade.

Ora vamos aqui a um bocadinho de doutrina. Antes de o fazer, peço perdão de me ocupar da minha tão ilustre e falada pessoa. É preciso. Estava eu na minha mocidade, a ganhar o pão fora da nossa terra. Eramos muitos empregados: navegação marítima, navegação fluvial, caminhos de ferro, oficinas, escritório — um mundo. Católicos, dois. Um irlandês e um português. Os mais, protestantes de várias seitas. Eram muitos, naquele tempo, os dias santos de guarda. Eram muitos os nossos trabalhos nesses dias. Pois bem. O director da casa, um calvinista, entrava no meu escritório, batia-me no ombro de mansinho e dizia: «The bell rang». Era um dia santo de guarda. Tinha tocado o sino p'rá Missa. «Tocou o sino.» Não me mandava ir. Punha-me absolutamente à vontade; a mim o determinar-me. Ora eu sou desta escola.

Os tempos andaram. Deixei a vida que tinha e fiz-me, mercê de Deus, sacerdote católico.

Eu sou do Papa. Apenas ordenado de presbítero, fui enviado pelo meu Superior reger a capela de um sítio, posta, então, ao culto. Havia no lugar um Pastor protestante em exercício. Esperava-se que o padre católico verberasse do Altar. Nunca a minha santa boca se abriu para mais nada que não fosse a homilia à estação da Missa — nunca. O Pastor desapareceu. O barracão aonde ele pontificava teve outro uso.

Se me tivessem mandado refutar a doutrina protestante, tê-lo-ia feito. Não mandaram. Nunca o fiz. Preguei a Igreja Católica. Gosto de ser mandado. De vez em quando, costumava ir ter com o meu Bispo a perguntar se vou bem. Não escolho o mais sábio; pode ser que haja outros mais sábios do que o meu. Não se me dá. Não é da minha conta. Vou àquele a quem devo obediência e Ele, a mim, vigilância. O meu Bispo. «Ande lá.» Els as minhas credenciais. Nunca o meu Bispo me disse outra coisa: «Ande lá!» Eu cá ando. A grandeza de tudo quanto faço e digo vem toda unicamente daquele simples «ande lá», porquanto, sem isso, sem o «ande lá» do meu Prelado, eu não me atrevia a andar.

Eu tenho para mim que a confusão dos nossos Irmãos reformados nasce toda, justamente, misto de cada um ler e entender como lhe apraz. Não querem mandões para se tornar cada chefe em um mandão. Eu porém não leio nem entendo assim. Gosto de obedecer. Gosto da autoridade. «Ande lá.» Não preciso de mais nada.

Nem outra foi a fórmula do Mestre aos que chamou: «Anda cá! Deixa as redes e anda. Tudo simplicidade.»

(Condensado de «Facetas duma Vida»)

HOMEM DE FÉ

Conheci Pai Américo sempre assim: um Homem de fé viva e actuante.

Mensageiro de Cristo, espírito ecuménico, sua Mensagem do Evangelho era entendida por gregos e troianos, excepto pelos auto-suficientes. «Falava todas as línguas!»

Às vezes ficávamos prostrados com o comportamento de quantos ouviam(os) a sua Mensagem — que não era dele, mas a Boa Nova dita à maneira de Jesus — ecoando nas almas de quem se dizia sem fé, de fé morta, noutras ainda das mais variadas crenças! Todos sorviam(os) a Palavra que empolgava.

Carisma. Sinceridade. Noutro local, para sublinharmos esta faceta, citamos um belo trecho escrito pelo seu punho. «Jamais algum mortal é capaz de comover almas, pelo que faz e diz, sem a sinceridade consigo próprio?»

Eis o perfil de Pai Américo. Padre da Rua e mestre de Pedagogia — ciência que não aprendeu nos bancos da Universidade, mas no Evangelho — marcou todos quantos com

ele conviveram ou beneficiaram da sua Paternidade — Pai do «Lixo da Rua».

Nenhuma afronta o fez vacilar. Nesses momentos a virtude da Graça transfigurava-o!

Como S. Paulo, as próprias fraquezas (de todos nós, mortais) eram um incentivo à perfeição.

Não deixava de ser tolerante para todos os homens, virtude de quem seguia o Caminho certo.

O Pai Nosso — «Pater Noster» — que o Senhor ensinou, era sua oração predilecta, aplicada no dia-a-dia.

Homem de fé, também «be-

bia» a Palavra da boca dos Simples, dos Pobres — «os meus maiores Amigos» — que serviu e defendeu até ao Fim.

Sabia ouvir d'alma aberta. E a Graça de estado vinha ao de cima, em toda a grandeza. Não é fácil saber ouvir... E, depois, mostrar o rumo certo, comunicar, fazer doutrina, ou denunciar cristãmente os males «oportuna e importunamente». Exige «muita vida interior» — disse — que cimentava no Altar e transbordava para nós outros, para o mundo sedento de Amor, Justiça e Paz.

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.600 exemplares